

Glória Brasil "Risco de 07 FEV 1994 tornar-se uma piada"

GAZETA MERCANTIL

da The Economist

Com 160 milhões de habitantes e uma área também enorme, o Brasil é disparadamente o maior país da América Latina. Já por algum tempo corre o risco de se tornar a maior piada da América Latina. Existem coisas piores do que uma piada: uma oligarquia militar impiedosa, por exemplo, e faz vinte anos que o Brasil — ao contrário de vários países vizinhos — deixou de ser isso. Durante seus últimos dez anos, os governantes militares do país foram homens moderados, pelos padrões regionais. O problema é que os civis que os substituíram em 1985 deixaram um país potencialmente rico afundado no caos.

O caos tem sido malcheiroso nos últimos dez meses. No fim de 1992, o presidente Fernando Collor foi obrigado a renunciar, em meio a acusações de corrupção. Agora o Congresso acusou vários dos seus próprios membros — não muitos, mas alguns deles influentes, e sem dúvida outros não foram apanhados — em um escândalo parecido. O maior problema, no entanto, existe há muitos anos: a inflação. O resto da América Latina já dominou essa doença. Tanto no Brasil quanto na Argentina, por exemplo, os preços estavam subindo a cerca de 3.000% ao ano quando a década de 80 terminava. O dado na Argentina (e no Chile e no México) hoje é ao redor de 10%; no Brasil ficou em aproximadamente 450% em 1991, 1.000% em 1992, 2.000% no ano passado e, agora, está rumando para 3.000%.

Um motivo é que os brasileiros foram espertos demais para seu próprio bem. Há anos criaram um mecanismo para tornar a inflação tolerável, enquanto moedas sucessivas entraram em colapso: a mais recente, com seis meses de vida, eliminou três zeros da sua antecessora, e seu caminho para a sucata já está traçado.

Existem agora sinais de mudança. Um novo ministro da Fazenda (o quarto do atual presidente) foi nomeado em maio, um novo presidente do Banco Central, em setembro. Os dois — Fernando Henrique Cardoso e Pedro Malan — são velhos aliados e estão trabalhando juntos para estabelecer ordem no caos. Cardoso teve um sucesso em agosto ao convencer o Congresso a aceitar uma

(Continua na página 5)

GAZETA MERCANTIL

Página 5

MC

Banco BMC S.A.

CRISE ECONÔMICA

Glória Brasil "Risco de tornar-se uma piada"

07 FEV 1994

Da The Economist
(Continuação da 1ª página)

nova legislação salarial que limita a correção automática. Mas a nova equipe rejeitou o remédio drástico adotado pela Argentina de vincular a moeda nacional ao dólar; e o meio termo que propõe no lugar desse remédio, uma "unidade real de valor" brasileira, não será necessariamente algo parecido.

Na verdade, indexação não é o único inimigo. Embora a tributação aumente com os preços, a receita fiscal foi fraca. E, sob a Constituição brasileira, mais de 50% da receita federal (mas não as responsabilidades federais) precisa ser repassada aos 26 governos estaduais — que desperdiçam alegremente o dinheiro e, ainda mais que até recentemente, podiam tomar emprestado de bancos locais controlados por eles mesmos. Outras regras constitucionais reduzem a proporção do orçamento federal de fato sob o controle federal para cerca de 10%. Em suma, mesmo um governo central preocupado em economizar tem dificuldade para isso.

Nesse ponto, algumas mudanças também ocorreram. Os governos estaduais e seus bancos foram submetidos a controle. Os governos estaduais e seus bancos foram submetidos a

controle. O congresso aceitou um orçamento equilibrado para 1994 e está sendo solicitado a apoiar uma emenda constitucional, apresentada recentemente, destinada a proporcionar ao governo central mais controle sobre seu próprio dinheiro. Muito mais emendas são propostas: a Constituição de 1988, um documento absurdamente detalhado cujos 245 artigos invadem cada aspecto da vida, está sob revisão pelo atual Congresso.

A dúvida é se as reformas exigidas serão aprovadas. A aprovação requer uma maioria qualificada das duas câmaras do Congresso, em sessão conjunta.

Mas o ano eleitoral é uma época ruim para pedir a políticos mudanças que deverão reduzir muitos gastos locais e cujo ônus imediato certamente recai — por mais que os reformadores possam negá-lo e quaisquer que sejam os benefícios posteriores — sobre os que produzem em vez dos que possuem. Os reformadores alegam ter encontrado uma grande mudança de opinião; o Congresso e o País, afirmam, aceitam agora que "a situação não pode continuar assim". Talvez, mas acredite quando isso acontecer. E então espere para ver até que ponto a mudança das regras muda o mundo real.